



DESENVOLVIMENTO
E MEIO AMBIENTE

SISTEMA
ELETRÔNICO
DE REVISTAS
SER | UFPR

www.ser.ufpr.br

“Florestamento” no Pampa Brasileiro: a visão dos pecuaristas familiares do Território do Alto Camaquã/RS¹

Forestation in the Brazilian Pampa: the Vision of Family Farmers in Territory of Alto Camaquã/RS

Letícia Fátima de AZEVEDO^{1,2*}, Marco Antônio Verardi FIALHO²

¹Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai (IDEAU), Campus Bagé, RS, Brasil.

²Programa de Pós-Graduação Extensão Rural (PPGExR), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

* E-mail de contato: letiazevedo@hotmail.com

Artigo recebido em 3 de abril de 2014, versão final aceita em 5 de abril de 2015.

RESUMO: A economia tradicional do Pampa, baseada na criação extensiva de gado, está sendo ameaçada e perdendo espaço para a introdução de alternativas que descaracterizam a evolução social e biológica do Bioma Pampa. Uma das alternativas em destaque na “Metade Sul” do Rio Grande do Sul é a substituição dos campos naturais por plantios homogêneos de árvores exóticas para obtenção de celulose, configurando-se como o centro de um conflito socioambiental. Este estudo objetiva analisar a percepção dos pecuaristas familiares, pertencentes ao Território do Alto Camaquã/RS, em relação ao processo “florestamento” na região. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, observação direta, diário de campo e revisão bibliográfica sobre a temática em questão. Observou-se que os pecuaristas familiares possuem resistência quanto à implantação de espécies exóticas (“florestamento”) na região, abarcando como principais pontos negativos a descaracterização e a dissociação do indivíduo com seu ambiente local, a redução das fontes de água, aparecimento de animais predadores, especialmente o javali, a destruição da pastagem natural e a diminuição da atividade da pecuária de corte e ovina que é tradicional. Dessa forma, os pecuaristas familiares contribuem para a manutenção da paisagem natural da região e com a tradição da criação de bovinos e ovinos, conservando características ambientais e sociais do Pampa, especialmente no Território do Alto Camaquã - Metade Sul do Rio Grande do Sul, Brasil.

Palavras-chave: bioma pampa; florestas de espécies exóticas; pecuária familiar.

ABSTRACT: The traditional economy of the region called Pampa, based in the extensive raising of cattle, is being threatened and has been losing space after the introduction of alternatives that affect the social and biological evolution of the Pampa biome. One of the outlined alternatives in the “Southern Portion” of Rio Grande do Sul is to

¹ Artigo elaborado a partir dos dados de campo da dissertação da primeira autora.

substitute the original meadows for homogeneous plantations of exotic trees to produce cellulose, which has become the center of a social and environmental issue. The purpose of this study is to analyze the perception of family cattle raisers in the Territory of Alto Camaquã/RS in what concerns the “reforestation” process in that area. For this, semi-structured interviews have been carried out, along with observation, daily field journal and bibliographical review on such subject. Family cattle raisers seem to resist bringing exotic species (“forestation”) to the area, because of their impact on and of the dissociation of individuals with local environment, reduction of water sources, appearance of predators, especially boars, destruction of natural pasture and decrease of beef cattle and sheep activities, which are traditional. This way, family cattle raisers contribute to maintain the natural landscape of the region with the tradition of raising bovine and sheep and keeping the environmental and social characteristics of Pampa, especially in the Territory of Alto Camaquã - Southern Portion of Rio Grande do Sul, Brazil.

Keywords: pampa biome; exotic species; family cattle raising.

1. Introdução

A problemática intrínseca do chamado “florestamento”², prática econômica de cultivo intensivo de árvores para produção de madeira e celulose, principalmente, ou também definido como a implantação de florestas em áreas que não eram florestadas naturalmente, é considerada impactante e vem sendo discutida mundialmente. Os principais elementos de discussão giram em torno das ameaças à biodiversidade nativa e também pelas transformações sociais já ocorridas em outras regiões.

Cabe salientar que, na visão dos opositores à expansão dos cultivos exóticos, o termo “florestamento” estaria sendo utilizado de maneira errônea, já que se parte do princípio de que florestas apresentam diversidade de vegetações, o que não ocorre com os novos cultivos implantados na Metade Sul do Estado.

Conforme Madeira (2007, p. 9), “uma floresta, diferentemente de uma lavoura de árvores exóticas, é um ecossistema natural, com diversidade de fauna e floras nativas. Além disso, o pampa típico não tem e nunca teve florestas”. Sendo assim, especificamente no Brasil, o agravante é o fato de esta atividade ter como intuito abranger quase que a totalidade de um bioma que só existe no Rio Grande do Sul, o Bioma Pampa.

A atividade de “florestamento” objetivando a fabricação de papel e celulose intensificou-se a partir de 2001 no Rio Grande do Sul, especialmente na Metade Sul do

Estado, como alternativa de desenvolvimento econômico para a região. As florestas passaram a ser plantadas em larga escala, o que pode implicar uma ameaça à diversidade cultural e biológica da região.

No entanto, temos que ter em mente que cada sociedade arquiteta o espaço ambiental conforme suas necessidades ou aquelas necessidades que se apresentam em maior grau (Trindade & Cordeiro, 1997). Cada indivíduo entende, percebe e retribui de formas diferentes as ações sobre o meio em que vive. As respostas ou manifestações são frutos das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada indivíduo (Melazo, 2005). Nesse sentido, questiona-se qual a percepção dos pecuaristas familiares frente à expansão do “florestamento”?

O estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para compreender melhor a inter-relação entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações, julgamentos e condutas (Zampieron *et al.*, 2003). A relevância da pesquisa em percepção ambiental para planejamento do ambiente foi destacada na proposta da UNESCO (1973, p. 8, tradução nossa):

Uma das dificuldades para a proteção dos ecossistemas naturais está na existência de diferenças nas percepções dos valores e da importância dos mesmos entre os indivíduos de culturas diferentes, ou de grupos socioeconômicos, que desempenham funções distintas, no plano social, nesses ambientes.

² Também denominado de plantações industriais de árvores (Overbeek *et al.*, 2012); florestas plantadas (FAO, 2010); introdução/plantio de espécies exóticas (Madeira, 2007); silvicultura (IBGE & MMA, 2012).

O Pampa e toda uma gama de diversidade, saberes, fazeres e paisagens estão ameaçados. A crise da tradicional economia realizada no Bioma, baseada na criação extensiva de gado e sua reestruturação, a partir de alternativas que descaracterizam a evolução social e biológica do Bioma Pampa, como a silvicultura e a soja³, desnudam a intensidade do problema (Suertegaray & Silva, 2009). A substituição dos campos por lavouras para produção de grãos ou plantios para obtenção de celulose está conduzindo à descaracterização da paisagem e à perda da cultura gaúcha e, consequentemente, da lendária figura do gaúcho (Boldrini, 2009).

Diante do exposto, da realidade que o Bioma Pampa está sendo alterado com a introdução da homogeneização de cultura exótica – “florestamento” –, o objetivo deste estudo é analisar a percepção dos pecuaristas familiares, pertencentes ao Território do Alto Camaquã/RS, quanto ao processo de “florestamento”.

2. Conhecendo o ecossistema Pampa, a problemática da introdução do “florestamento” e os atores da pesquisa

2.1. O ecossistema Pampa

A partir do ano de 2004 foi reconhecido oficialmente, no que tange à classificação brasileira, o Bioma Pampa, um dos seis biomas brasileiros, contemplando uma área de 177.767 km², o que corresponde a 2,07% do território nacional e 63% do território rio-grandense (IBGE, 2004).

O ecossistema Pampa compreende um conjunto ambiental, envolvendo regiões pastoris de planícies em três países da América do Sul – cerca de dois terços do estado brasileiro do Rio Grande do Sul, as províncias argentinas de Buenos Aires, La Pampa, Santa Fé, Entreríos e Corrientes e a República Oriental do Uruguai. Está localizada entre as coordenadas geográficas 30 e 34° latitude sul e 57° e 63° longitude oeste (Suertegaray & Silva, 2009).

Schwanz (2010) assinala que, no Brasil, o Bioma Pampa se estende de São Borja, na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, passa pela região central do estado até a praia de Torres, no litoral norte. Abrange ainda a Campanha gaúcha, a Lagoa dos Patos, a Reserva do Taim e vai até o Chuí, no extremo sul do país.

Na definição de Chomenko, o Pampa

[...] caracteriza-se por um conjunto vegetacional campestre relativamente uniforme em relevo de planícies, onde predomina a cobertura vegetal em estepe e savana estépica, que correspondem aos campos do planalto e da campanha, e vegetação mais densa, arbustiva e arbórea, nas encostas e ao longo dos cursos d’água; além disto se caracteriza também pela ocorrência de banhados (Chomenko, 2007, p. 1).

Conforme Suertegaray & Silva (2009), as diferentes fitofisionomias⁴ campestres naturais que o Pampa apresenta proporcionam o agrupamento de “formações ecológicas que se inter cruzam em uma formação *ecopaisagística* única, com intenso tráfego de matéria, energia e vida entre os campos, matas ciliares (de galeria), capões de mato e matas de encostas, suas principais formações” (p. 43-44).

O Pampa, por apresentar um conjunto de ecossistemas remotos, oferece ampla biodiversidade, especialmente de flora e fauna próprias, sendo que, para Boldrini (2009), são estimadas para o Rio Grande do Sul 3.000 espécies vegetais, das quais cerca de 523 gramíneas, 357 compostas, 250 leguminosas e 200 ciperáceas. A autora (2013) ainda acrescenta que a paisagem campestre pode parecer homogênea e pobre para quem não conhece, mas nesse pequeno remanescente (177.767 km²) do Bioma foram mapeados 2.169 táxons, sendo que, desses, 990 são exclusivos do Pampa. Boldrini considera que é um número muito grande para uma área tão pequena, pois no Cerrado, por exemplo, são 7 mil espécies em 3 milhões de km².

Além da diversidade vegetal, Schwanz (2010) expõe a existência da grande diversidade de espécies animais, mais de 400 espécies de aves e cerca de 90

³ Áreas antes ocupadas por pastagens para a pecuária e especialmente áreas de arroz estão sendo transformadas em território para o cultivo da soja na Metade Sul do RS.

⁴ Planalto da Campanha, Depressão Central, Planalto Sul-Rio-Grandense e Planície Costeira.

espécies de mamíferos terrestres, sendo que algumas destas espécies somente ocorrem nesta área do planeta. Apesar dessa diversidade, apenas 0,36% do Bioma está incluído no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) no Rio Grande do Sul.

Entretanto, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012), o Bioma Pampa é o segundo Bioma mais devastado do país, ficando atrás apenas do Bioma Mata Atlântica. No período de 2002 a 2008 foram suprimidos 2.183 km² (1,2% do Bioma) e no período de 2008 a 2009, 331 km² sofreram supressão (0,18% do Bioma). No total, mais da metade (54,12%) do Bioma foi suprimida até 2009 (IBGE & MMA, 2012).

Boldrini (2009) destaca que a vegetação campestre do Pampa oferece uma alta diversidade de espécies e de ecossistemas e está amplamente adaptada aos diferentes locais do ambiente. As plantas apresentam na sua fisiologia e morfologia características peculiares capazes de tolerar as adversidades do ambiente, ou seja, é um sistema altamente resiliente⁵. Resiliência também destacada por Nabinger (2006), o qual salienta que foram aproximadamente quatro séculos de interferência do homem, mas, mesmo assim, o Bioma Pampa manteve suas características. Entretanto, a capacidade de reconstituição e adaptação desse bioma precisa ser conjugada com ações de manutenção, como forma de preservação do ambiente, da paisagem e da sustentabilidade econômica.

Pode-se também compreender a paisagem do Pampa a partir de uma abordagem identitária, a qual, na sua relação com o homem, produz a cultura pampiana – representada pelo gaúcho, tipo social identificado com a paisagem e com a atividade pastoril e que práticas e representações culturais consolidaram sua identidade como habitante da região dos Pampas. Sabemos que os ecossistemas campestres, as vegetações arbustiva e arbórea são intensamente influenciados pelas ações antrópicas, onde a alteração da paisagem, por meio da agricultura, pastoreio e plantio de espécies exóticas ao Bioma, tem mudado claramente a vegetação original do Pampa.

Dessa maneira, Quadros *et al.* (2009, p. 206-207) consideram que “a melhor forma de preservação deste

ambiente é sem dúvida a forma como atualmente ele se apresenta, obtendo como produto final a produção pecuária”. Ainda os autores colocam que no Bioma Amazônia as discussões sobre as questões ambientais são baseadas no cuidado com os recursos naturais, enquanto o Bioma Pampa apresenta um papel econômico que foi muito bem exposto pelo biólogo francês August Saint-Hilaire (1935 p. 207), entre os anos de 1820 e 1821: “As magníficas pastagens que cobrem as capitânicas de Rio Grande do Sul e Uruguai convidam naturalmente os primeiros povoadores à criação de gado...”.

2.2. O “florestamento” na Metade Sul do Rio Grande do Sul

Nos últimos 5 anos, pelo menos 25% do Bioma Pampa – aproximadamente 1 milhão de hectares – foi ocupado por florestas de eucalipto e de pinus, que visam abastecer a indústria de papel e celulose. Conforme a Associação Gaúcha de Empresas Florestais (Ageflor, 2008), a meta até o ano de 2013 era de cultivar em torno de 800 mil hectares de eucalipto⁶ na Metade Sul do RS.

Embora a expansão de “florestamento” com espécies exóticas colabore com um alto percentual, o mais antigo e ainda hoje o principal fator de destruição do Pampa é a agricultura. Para Boldrini (2013, p. 1), “as plantações de soja e trigo nas terras mais secas e as plantações de arroz nas áreas úmidas, próximas a rios, começaram no planalto e estão se espalhando para todo o Pampa, embora a vocação da região seja para a pecuária”. No caso da soja, há cerca de sete anos foi quando despertou um interesse maior por parte dos produtores em abrirem mais áreas com o plantio na região da Campanha. Em 2006 eram apenas 3 mil hectares dedicados ao grão e em 2013 a área plantada aumentou 2.500%, ou seja, 80 mil hectares (Campo & Lavoura, 2013). E ainda temos que considerar a produção de bovinos de corte, que, apesar de ser a vocação da região, também se torna uma ameaça (por exemplo, processos de erosão e arenização do solo) quando manejada de forma incorre-

⁵ Que possui flexibilidade, capacidade para adaptar-se a mudanças, que resiste às adversidades.

⁶ Sem contabilizar o cultivo de pinus e acácia negra.

ta, principalmente pelo uso intensivo do solo – número expressivo de cabeças por hectare.

A criação de gado no sul do Brasil geralmente ocorre com pastejo contínuo e extensivo e os campos naturais permanecem como base da produção pecuária. Contudo, o pastejo excessivo resulta em diminuição na cobertura do solo e em riscos de erosão, além de substituição de espécies forrageiras produtivas por espécies que são menos produtivas e de menor qualidade, ou até na perda completa das boas espécies forrageiras. Por outro lado, uma pressão de pastejo extremamente baixa pode resultar na dominância de gramíneas altas de baixo valor nutritivo ou de arbustos e outras espécies de baixa qualidade forrageira, principalmente aquelas do gênero *Baccharis* (Asteraceae) e *Eryngium* (Apiaceae) (Nabinger *et al.*, 2000 *apud* Overbeck *et al.*, 2009, p.30).

No Brasil, o plantio das espécies arbóreas de *Eucalyptus sp.* e *Pinus sp.* foi incentivado pela Lei 4.771 de 1965, o Código Florestal, e pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), por meio de incentivos fiscais e distribuição de mudas. No Rio Grande do Sul, particularmente na Metade Sul, foi a partir de 2004⁷ que a promoção do desenvolvimento da silvicultura (monocultura) com eucalipto foi visualizada como forma de crescimento econômico, por meio do Governo Estadual (políticas públicas e serviços da Emater-RS/Ascar⁸).

Historicamente, essa região do Estado se destacou pelo dinamismo econômico até o final da década de 1970, tendo como um dos seus expoentes a cidade de Pelotas (dinamismo motivado por programas de desenvolvimento vinculados à SUDESUL – Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul). Atualmente, de modo geral, encontra-se em processo de estagnação econômica, com regiões empobrecidas, que historicamente receberam menos atenção do poder público.

A atração pelo menor custo com mão de obra, disponibilidade de extensas áreas, baixo valor do preço do hectare de terra, incentivos fiscais, boas condições de estradas e ferrovias e características climáticas ade-

quadas para o cultivo de eucalipto fizeram com que três empresas⁹ de grande porte do setor de celulose e papel se instalassem nesta região. Do ponto de vista socioeconômico, o objetivo seria transformar a matriz econômica da Metade Sul do Rio Grande do Sul, histórica e culturalmente pastoril, em região de produção de madeira e celulose.

Porém, do outro lado desta discussão, esses investimentos começaram a ser questionados por entidades não governamentais e representativas da população local, cuja preocupação centrava-se na perda da biodiversidade que o plantio de monoculturas em grande escala poderia acarretar ao Bioma Pampa e, conseqüentemente, à Metade Sul. Grandó (2007) aponta que o questionamento estava voltado para os impactos que poderiam advir do plantio de árvores exóticas (eucalipto, pinus, acácia negra) em uma região de campos e, além disso, outro fator foi o de que as empresas começaram o plantio antes da aprovação dos empreendimentos (licença prévia de instalação) por parte órgãos ambientais estaduais.

Outros argumentos apontados como crítica ao “florestamento” são a redução de fertilidade, o incremento da erosão, a redução da permeabilidade de água, os danos causados às estradas e rodovias por onde transitam caminhões e máquinas agrícolas cuja restauração e manutenção são realizadas com recursos públicos, a reprodução dos modos de vida das populações locais e a ruptura de duas tradições produtivas: a agricultura de subsistência e a pecuária extensiva (Binkowski, 2009).

É interessante salientar o estudo realizado pela Fepam, pela Fundação Zoobotânica e pelo Departamento de Florestas e Áreas Protegidas do Estado do Rio Grande do Sul, com apoio de especialistas de várias universidades, denominado de Zoneamento Ambiental para Atividade de Silvicultura no Rio Grande do Sul – ZAS. Ocorreu neste estudo a definição de 45 Unidades de Paisagem Natural (UPN), que, por meio de uma matriz de vulnerabilidade, indicou 12 UPN com baixo grau de restrição à silvicultura, 15 com médio grau e 18 com alto grau de restrição. No entanto, era para ser utilizado como diretriz

⁷ Pode-se citar como exemplo do fomento à produção de eucalipto, pelo Governo Estadual da época, o Programa de Plantio Comercial e Recuperação de Florestas (PROFLORA), por meio da Caixa RS, que buscava a geração de renda e emprego em regiões menos desenvolvidas.

⁸ Auxílio aos produtores com assistência técnica especializada e para a elaboração de projetos de cultivos de eucalipto.

⁹ Aracruz, Votorantim e Stora-Enso.

para o licenciamento da silvicultura, mas até o momento isso não é válido (Lanna, 2007).

Para Bencke (2007), o ZAS só será efetivo se ocorrer uma vasta discussão com todos os setores envolvidos (inclusive sociedade) e se houver interesse político para implementá-lo. “O zoneamento não está sendo feito para atrapalhar a vida de ninguém, mas para garantir qualidade de vida à população gaúcha e a preservação do nosso rico patrimônio natural. Cabe também a nós, portanto, vigiar para que esse instrumento de gestão venha a ser bem utilizado” (p. 2).

O biólogo Glayson Ariel Bencke (2007, p. 1), não adepto à expansão do “florestamento”, afirma:

As monoculturas podem decretar o fim do pampa como uma grande unidade natural e estamos diante de uma oportunidade para evitar que isso aconteça, o que não pôde ser feito com relação às nossas florestas e banhados, pois não havia consciência ecológica e não se falava em desenvolvimento sustentável quando esses ecossistemas foram explorados e degradados até quase sua exaustão.

2.3. *Pecuaristas familiares: os atores da pesquisa*

No Rio Grande do Sul, o processo de desenvolvimento econômico (neste inclui-se a modernização da agricultura) motivou a constituição de categorias sociais diferenciadas e específicas nas diversas regiões do rural brasileiro, influenciadas principalmente pelas particularidades socioeconômicas, ambientais e culturais. Fruto desse processo de diferenciação, encontram-se os pecuaristas familiares – categoria sociopolítica caracterizada pelo modo de produção extensivo (pecuária), pela relação com a natureza e estrutura fundiária. Alguns aspectos da pecuária familiar podem ser observados na caracterização realizada por Borba *et al.* (2009, p. 7),

os quais utilizaram como região de estudo a Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul:

Caracteriza-se por uma “racionalidade camponesa”, com a presença de elementos típicos da agricultura pré-modernização, na medida que constitui-se como uma estratégia produtiva que se desenvolve com baixo grau de mercantilização. Ou seja, assume-se que uma combinação de características culturais (cultura “ganadeira”), socioeconômicas (pecuária como estratégia principal de reprodução social e econômica, de pequena escala, com reduzida capitalização, pecuária como “poupança”) e ecológicas (declividade do terreno, solos rasos, ambiente caracterizado por mosaicos de campo-mato) atuou como barreira à “modernização tecnológico-produtiva” desta região. A transformação técnico-institucional da pecuária – suportada na intensificação produtiva, na inovação tecnológica constante (tecnologia de ponta) e na orientação ao mercado – não teve repercussão nesta região porque o contexto socioeconômico, cultural e ecológico local é incompatível com as estratégias tecnológico-produtivas historicamente propostas.

Considerando especificamente o pecuarista familiar, este é considerado um tipo particular e diferenciado de agricultor familiar¹⁰, pois estes pecuaristas apresentam algumas características em comum com os agricultores familiares, localizados principalmente ao norte do Rio Grande do Sul. As características em comum são o predomínio da mão de obra da família nas atividades produtivas e a lógica da reprodução social¹¹. Entretanto, em termos produtivos, o pecuarista familiar se dedica basicamente à bovinocultura de corte sobre pastagem natural, com a produção de ovinos conjuntamente na sua grande maioria, por isso a respectiva denominação.

Segundo a EMATER/RS (2013), o pecuarista familiar é aquele produtor que tem como principal fonte de renda a criação de bovinos de corte/ovinos, ou que tenha

¹⁰ Os principais elementos para uma conceituação sobre a agricultura familiar são: a gestão estar nas mãos dos proprietários unidos por laços de parentesco; responsabilidade de todos os membros da família em prover capital para a propriedade; trabalho a ser realizado pela família, sendo que todos os membros residem na propriedade (Gasson & Errington, 1993).

¹¹ A reprodução social da agricultura familiar envolve duas dimensões: a reprodução de ciclo curto e a reprodução de ciclo longo. A reprodução de ciclo curto combina fatores relativos ao trabalho, conhecimento tradicional e recursos naturais para atender ao consumo familiar e repor os insumos básicos para o reinício do processo produtivo. Assim, o autor relaciona a reprodução de ciclo curto com a lógica econômica da família, englobando elementos como trabalho e consumo, enquanto a reprodução de ciclo longo trata dos aspectos do ciclo geracional e da perpetuação das famílias através do nascimento, casamento, morte e herança (Almeida, 1986).

estas atividades ocupando a maior parte da área da sua propriedade e que atenda cumulativamente os seguintes critérios: resida na propriedade rural ou em aglomerado urbano próximo; tenha no mínimo 80% da renda gerada na atividade agropecuária; use mão de obra familiar predominantemente e utilize apenas eventualmente o trabalho assalariado; tenha renda bruta anual não superior a R\$ 40.000,00; seja proprietário ou arrendatário de estabelecimento com área não superior a 300 ha.

Atualmente, de acordo com a EMATER/RS (2013), o número de famílias pertencentes a esta categoria social no Rio Grande do Sul se aproxima de 60 mil, sendo que na Metade Sul esta categoria representa 70% do total. Estudos recentes estimam que esse contingente responde por 12% do universo da pecuária extensiva do Estado (SEBRAE *et al.*, 2005).

O pecuarista familiar é definido como aquele pecuarista que, apesar de ter lógicas e estratégias próprias da produção familiar, tem o gado de corte como “poupança”; a produção de subsistência; o uso de mão de obra da família e não se enquadra nas políticas públicas específicas da agricultura familiar, em função de dispor de estruturas fundiárias maiores que as estabelecidas (Ribeiro, 2003).

Esses pecuaristas familiares são também confundidos com produtores patronais¹², não conseguindo assim enquadramento nos programas de apoio governamental à pequena produção e a sociedade permanece desconhecendo as principais dificuldades que enfrentam, como a baixa rentabilidade de sua atividade.

É preciso considerar que a grande maioria dos pecuaristas familiares no Rio Grande do Sul ocupa áreas marginais do ponto de vista agrícola, de maneira que, em alguns casos, 2/3 da área são cobertos por afloramentos de rocha ou são de preservação permanente e, por consequência, limitam consideravelmente a área para exploração agropecuária (Borba *et al.*, 2009).

Por outro lado, essas áreas fazem parte do Bioma Pampa, paisagem campestre que predomina na região Sul. De acordo com Reverbel (1986), historicamente essas áreas estiveram relacionadas com o desenvolvimento da atividade pecuária. Este ambiente sempre foi e é extremamente favorável à criação de bovinos, o que propiciou o desenvolvimento desta atividade a partir das estâncias.

Porto *et al.* (2009) avaliam que nos dias de hoje a pecuária de corte apresenta uma realidade diversificada, complexa e, contrariamente, pouco conhecida, pelo fato de que, por um lado, averigua-se uma relativa abundância de investigações sobre a cadeia produtiva da carne bovina e, por outro lado, tem-se a carência de informações sobre o perfil dos produtores rurais envolvidos nessa atividade. Essa carência mostra-se particularmente importante quando se leva em conta a diversidade de situações encontradas na esfera da atividade. Essa diversidade deriva não apenas do grau tecnológico dos produtores e da heterogeneidade dos sistemas de produção, mas até mesmo da natureza das relações de produção implicadas.

3. Metodologia

O local do estudo compreende o Território do Alto Camaquã¹³, que se situa entre as coordenadas geográficas latitude 30°30' sul e longitude 54°15' oeste e latitude 31°33' sul e longitude 52°51' oeste. Este Território engloba seis municípios: Bagé, Caçapava do Sul, Lavras do Sul, Pinheiro Machado, Piratini e Santana da Boa Vista e abrange uma área total de 8.352,37 km². Compreende uma população de aproximadamente 35.000 habitantes e possui como base econômica a agropecuária, resultante do processo histórico de construção do Território Rio-Grandense (FEPAM, 2007).

A amostragem da pesquisa foi não probabilística (intencional), logo, trata-se de uma amostra direcionada

¹² São aqueles que possuem grandes áreas produtivas, similares aos produtores empresariais. No entanto, não alcançam os mesmos índices produtivos que os empresariais, em decorrência de não empregarem a mesma tecnologia (Cotrim, 2003).

¹³ O Território do Alto Camaquã está entre os 12 novos membros da Associação Internacional de Montanhas Famosas (World Famous Mountains Association - WFMA). A candidatura do “Camaquã Highlands”, como está sendo chamado, foi aceita pelos organizadores do II Congresso das Montanhas Famosas, realizado durante o ano de 2012, na China, e para continuar membro da entidade o Território deve ter implementado uma série de ações até o próximo Congresso. O Congresso tem por objetivo compartilhar experiências de desenvolvimento econômico, promoção do turismo e proteção ambiental entre os cinco continentes (EMBRAPA, 2010).

“representativa” da população estudada (Soriano, 2004). A seleção dos pecuaristas familiares deu-se com a ajuda de pesquisadores da Embrapa Pecuária Sul – Bagé/RS, extensionistas da EMATER e presidentes dos sindicatos dos trabalhadores rurais, sendo que os mesmos atuaram como informantes-chaves da pesquisa de campo. Segundo Lakatos e Marconi (1992), informantes-chaves são pessoas escolhidas por seu conhecimento da realidade a ser estudada e que contribuem na definição da amostra e/ou nas questões a serem observadas. É importante destacar que os pecuaristas familiares selecionados para a pesquisa atenderam aos critérios estabelecidos pela EMATER/RS (2013).

Os instrumentos utilizados para o desenvolvimento do estudo foram: pesquisa bibliográfica, observação participante, diário de campo e entrevista semiestruturada (questões abertas e fechadas). Essas ferramentas de auxílio contribuíram para maior apropriação da pesquisadora sobre a complexidade do objeto em estudo, capturando elementos que não ficariam evidentes nas entrevistas e aumentando, consequentemente, a segurança sobre os resultados da pesquisa. Totalizaram-se 24 entrevistas com as famílias (em alguns casos foram entrevistados somente o chefe da família e em outros, o casal) representativas da pecuária familiar, realizadas individualmente com cada família no 2º semestre de 2012. As informações extraídas das entrevistas trataram especificamente a respeito da avaliação do “florestamento” que está se intensificando nos últimos anos na região, bem como os aspectos negativos e/ou positivos percebidos pelos pecuaristas familiares, além de aspectos como composição familiar, faixa etária, estado civil, escolaridade, renda, situação fundiária, sistema de produção e motivações para ser pecuarista.

O método de pesquisa foi qualitativo/quantitativo, com abordagem descritiva. Minayo (1994, p. 21) afirma que a pesquisa qualitativa preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado como “motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Ainda conforme a autora, os conjuntos de dados qualitativos e quantitativos não se opõem, e sim se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, possibilitando embasar as suas afirmativas e auxiliar na análise de seus resultados.

4. Resultados e discussão

4.1. Caracterização dos entrevistados

Os núcleos familiares são relativamente pequenos, compostos por duas a seis pessoas, sendo que atualmente são de duas a quatro pessoas os que vivem na propriedade. Isso devido à migração dos filhos para o meio urbano, com o propósito de trabalhar, dar continuidade aos estudos ou pelo fato de a propriedade não ter condições de suportar dois filhos ou mais. Na metade das propriedades observadas, vive somente o casal. Em três propriedades analisadas, os pecuaristas são viúvos, vivendo o “pai” e um ou dois filhos. No restante, vive o casal mais um ou dois filhos na propriedade.

A grande maioria dos pecuaristas familiares entrevistados (58,33%) está na faixa etária dos 41 aos 60 anos. Quanto ao estado civil, 87,5% são casados e 12,5% viúvos. Destaca-se que principalmente os chefes de família destinam tempo integral para a atividade da pecuária.

Com relação ao grau de escolaridade, a maior parte dos pecuaristas (75%) possui baixa escolaridade, ou seja, 1º grau incompleto (apresentando no máximo 5 anos de estudo), sendo poucos os casos com o 1º grau completo, 2º grau completo ou até mesmo o ensino superior incompleto.

Embora a aposentadoria seja sempre bem representativa quando se trata da pecuária familiar no geral, na presente pesquisa 29,17% dos pecuaristas são favorecidos com este tipo de benefício. Este percentual dos que recebem o benefício justifica-se pela idade dos entrevistados, onde 70,83% possuem menos que 60 anos. O trabalho de Porto (2008), realizado em diversas localidades do município de Bagé, identificou pecuaristas familiares envelhecidos e com baixa escolaridade. Apesar da bovinocultura de corte ser a principal atividade, não é a maior geradora de sua renda, tendo importante contribuição a aposentadoria rural. Da mesma maneira, trabalhos realizados por Sandrini (2005), Ribeiro (2009) e Laske (2010), entre outros, observam essas mesmas características desta categoria.

A área média das propriedades é de 72 hectares, sendo que a menor possui o equivalente a 12 ha e a maior, 230 ha. A obtenção da terra para vinte dos vinte e quatro

pecuaristas familiares se deu por meio da herança familiar. Contudo, os demais adquiriram a terra por compra de parentes e/ou terceiros, embora a atividade pecuária fosse tradição familiar. Dessa forma, observa-se que a ligação com a atividade, predominantemente, está unida à tradição familiar. Neske (2009) menciona que o modo de “se fazer pecuária” que se destaca no Alto Camaquã representa um patrimônio cultural e simbólico, no qual vem se reproduzindo a tradição “ganadera”.

As motivações para ser pecuarista estão atreladas à tradição familiar e à satisfação pessoal (100% dos casos), venda em períodos de necessidade e por ser a principal fonte de sustento da família. A questão da tradição familiar e da satisfação pessoal em ser pecuarista é o que mais motiva estas pessoas a estarem nessa atividade. De acordo com os entrevistados (quase na sua totalidade), a área da propriedade foi recebida por meio da herança, o que possibilitou a sucessão da atividade e a ocupação dos familiares anteriores.

4.2. A atividade principal: produção extensiva de bovinos de corte em pastagem natural

O sistema de produção realizado por aproximadamente 80% dos pecuaristas familiares é a criação de bovinos de corte combinada à ovinocultura de corte. O sistema de criação dominante praticado pelos pecuaristas familiares é a cria e cria de animais. Independente do sistema de criação, todos são baseados na criação extensiva em pastagem natural. A comercialização desses animais se dá, principalmente, por meio de atravessadores ou outros pecuaristas familiares que assumem o duplo papel de criadores e intermediários.

Os animais são mantidos em pastagem natural, na forma de criação extensiva. Isto significa que há uma dependência das condições ambientais para a disponibilidade de forragem como alimentação, embora em épocas específicas, como no inverno (frio e geadas) e no verão (estiagem), haja uma redução na disponibilidade de forragem, fazendo com que os pecuaristas familiares utilizem pastagens cultivadas para suprir a carência de alimento nessas épocas do ano. Mesmo ocorrendo essa diminuição na disponibilidade, o uso de pastagens

cultivadas pelos entrevistados ocupa uma área pouco significativa (4,44% da área total).

Quando questionados sobre a qualidade da pastagem natural, os entrevistados apontam que consideram a mesma um recurso excelente, de baixo custo e que deve ser mantida. “Pra mim é ótimo, porque a criação que tenho é só baseada em campo nativo, faz uns 2 anos que comecei a fazer divisões e dobrei a produção” (Entrevistado 07). “Acho que é uma riqueza que a gente não pode perdê, né?!” (Entrevistado 05). A valorização da pastagem natural (como expressão de uma biodiversidade) e a utilização de técnicas de divisão dos campos proporcionaram melhores resultados na atividade pecuária, motivando percepções positivas sobre esse recurso natural, como observado nos depoimentos destacados acima.

Como constatado pelos dados desta, a pastagem natural é o uso e a ocupação da terra predominante nas propriedades dos pecuaristas familiares. Considerando a soma da área total das propriedades pesquisadas, 3.041,10 hectares, a pastagem natural representa quase 80% deste valor e as pastagens cultivadas representam 4,44% da área total. O restante (15,66%) é ocupado por moradias, galpões, mato nativo e açudes. Por meio deste dado, podemos observar a importância da pastagem natural para as propriedades de pecuaristas familiares.

Além da pastagem natural ser utilizada como fonte de alimentação para os animais, observamos que a mesma está sendo mantida e preservada pelos pecuaristas familiares em questão, como pôde ser constatado empiricamente na pesquisa de campo e na fala dos entrevistados, quando questionados sobre o aspecto da preservação ambiental: “O campo nativo é o melhor que se pode ter, ainda mais se semear um azevém, daí fica excelente. Tem que manter sim, porque já é um recurso que não temos muito gasto pra manter e que é natural, então como não preservar ele?!” (Entrevistado 10). “O campo nativo é um ótimo recurso e com certeza tem que ser preservado, cuidado, para que nossos filhos, netos, possam usufruir que nem nós” (Entrevistado 12). “É um recurso que a gente não tem gasto quase, e é natural, é um patrimônio que deveria ser mantido por todos, com todo cuidado, é dele que conseguimos sobreviver criando nosso gado” (Entrevistado 06). Percebe-se que, além da preservação do mesmo, o seu

próprio melhoramento com outras espécies é também destacado. A utilização do azevém (espécie exótica), como destacado por um dos entrevistados como forma de qualificar a pastagem para alimentação dos animais, não traz ameaças à diversidade das espécies forrageiras da região, principalmente por não apresentar princípio alelopático (metabolismo tóxico), possibilitando seu uso consorciado com a vegetação nativa.

Dessa forma, podemos destacar que pouco mais de 80% dos entrevistados não possuem na propriedade nenhum tipo de máquina e/ou implemento agrícola, sendo que naquelas em que há os mesmos são bastante antigos e em muitos locais nem são utilizados. O baixo percentual de pecuaristas familiares que possuem máquinas e/ou implementos agrícolas mostra a não adesão ao processo tecnológico e a não transformação da base técnica rudimentar – tradicional e a força de trabalho utilizada, podendo ser considerado, de um lado, uma contingência, pelo fato de que, especialmente naqueles locais mais acidentados, o próprio ambiente não permite o uso de máquinas e implementos agrícolas. Por outro lado, naqueles locais em que há a possibilidade de uso, não são utilizados pela preferência de manterem a pastagem natural.

A qualidade da carne é apontada como um dos diferenciais da produção em campo natural: *“A qualidade da carne é muito diferente, o sabor é maravilhoso, com o campo nativo o próprio solo se conserva mais, porque se for fazer pastagem já mexe no solo, nas plantas”* (Entrevistado 02). Outro fator de comparação é com as pastagens cultivadas:

É muito importante o campo nativo, porque chega um momento que a pastagem cultivada se liquida, e se tu não tiver um lugar com campo nativo, tu não consegue manter os bichos só numa pastagem. Então, a pastagem pode ser importante pra uma época determinada, mas tem que ter campo nativo, que tu vai ali, coloca os bicho e eles ficam. Apesar da pastagem cultivada ter um bom desenvolvimento, ela tem um período de produção, então quando termina aquela pastagem se tu não tiver o campo nativo, vai fazer o quê?! (Entrevistado 14).

Quando questionados sobre a utilização de práticas conservacionistas de solo (terraços, curva de nível, entre outras), todos acreditam que se houver necessidade

farão, mas por enquanto isto não representa problema em nenhuma das propriedades. Já em relação ao assunto dos recursos hídricos (água), tanto para o consumo humano quanto animal, este gera certa preocupação entre uma boa parte dos pecuaristas familiares. Em 42,86% das propriedades faltou água para o consumo humano em 2012 (mais de um mês) e também para os animais. Todavia, para os animais são improvisados cochos, troca de campos, justamente para amenizar a falta de água, principalmente em períodos em que a estiagem é grandiosa/prolongada.

4.3. A percepção dos pecuaristas familiares quanto ao “florestamento”

Se analisarmos a história ambiental do Pampa pela perspectiva socioambiental, o gaúcho está relacionado com o ambiente campestre, sua história representa a biodiversidade, a introdução e solidificação da pecuária no Pampa, pecuária tradicional e extensiva e a pequena agropecuária. Gerhardt & Zarth (2009) apontam no seu estudo sobre a história ambiental do Pampa o recente reconhecimento de que este Bioma é uma forma específica e única de organização da vida no planeta sendo esse um motivo para utilizar seus bens naturais de forma ambientalmente responsável e socialmente justa.

É a partir dessa colocação que analisamos a percepção dos pecuaristas familiares quanto ao “florestamento” que está em expansão na Metade Sul, mais especificamente nas proximidades das suas propriedades.

Predomina na percepção dos entrevistados a contrariedade com o “florestamento” (Figura 1) e os principais aspectos negativos por ordem de importância visualizados são: redução das fontes de água, aparecimento de animais predadores, especialmente o javali, a destruição da pastagem natural e a diminuição da atividade da pecuária de corte e ovina que é tradição gaúcha e da região em si.

As justificativas da relação da **redução de fontes de água** com o “florestamento” estão embasadas no empírico, pois são visualizadas nas propriedades vizinhas que possuem plantação de eucalipto e em um dos casos o pecuarista possui uma pequena área (1 ha) de eucalipto para consumo próprio (lenha, madeira...). O pecuarista que tem a plantação de eucalipto menciona:



FIGURA 1 – “Florestamento” na Região do Pampa.
FONTE: Leticia Fátima de Azevedo (2012).

Sabe que antes eu não era tão contra como estou agora, não tô de acordo mais. Tô achando que um bocado dessa escassez de água nas vertentes é do mato, não será!? O eucalipto principalmente que enxuga um horror. Eu plantei 1 ha de eucalipto pro meu gasto aqui e uma lagoinha que tinha ali próximo, era inverno/verão sempre tinha água e se sumiu, acredita!? [...]. O eucalipto precisa de umidade, é uma barbaridade. Se chegassem os caras aqui e falassem, mas tchê vamos plantar o resto do teu campo de eucalipto e de acácia, eu digo não, obrigado. Eu vou te dizer, que fui faz uns 2 meses trocá uns moirão, na cerca dos eucaliptos, [...] e acredita não pude, desisti, não teve jeito [...]. Não pude cravar, torrado, torrado, uma dureza só, coisa mais triste do mundo (Entrevistado 01).

Um dos entrevistados (09) analisa a situação do vizinho sobre uma cacimba que o mesmo possui na propriedade e que hoje se encontra seca. Segundo a visão deste entrevistado, a falta de água na cacimba tem relação direta com a introdução de uma plantação de eucalipto nas proximidades:

Eu acho uma imundície esse tal de florestamento, nos meus campos eu não faço, nem pensar. O eucalipto seca as nascentes [...]. Tem um vizinho ali embaixo, que nunca em toda vida, desde o pai dele, nunca tinha secado a cacimba, sempre teve água, inventaram de plantar eucalipto numa área ali na volta, pra quê, a cacimba está seca hoje.

Em grande parte das entrevistas, a história de que fontes de água que nunca secaram (considerando o tempo dos seus avós, bisavós) e que atualmente simplesmente não possuem água foi comum. Filippini (2005) afirmou que o plantio de eucalipto em locais de baixa umidade chegou a secar poços com até 30 metros de profundidade, deixando a população local sem água. O eucalipto apresenta um elevado consumo de água, pois tem uma grande evapotranspiração, podendo ressecar o solo, secar nascentes, baixar o lençol freático, secar banhados, reduzir a quantidade de água/vazão dos córregos e riachos, etc.

A interferência do “florestamento” no **aparecimento de animais predadores, especialmente o javali,**

é relatada pelos pecuaristas com um certo fervor, pois o javali acaba não atacando as criações somente nas propriedades em que estão inseridas as plantações de espécies exóticas, mas também em muitas propriedades vizinhas. O entrevistado 11 cita o prejuízo que vizinhos que não têm áreas de “florestamento” estão passando, por serem vizinhos das propriedades que optam pela plantação de eucalipto, pinus ou acácia:

[...] e tem quantia de problema com javali, faz uns 6 meses que a situação piorou, aumentô 100% e digo que é por causa sim do florestamento. É um “mataril”, um negócio pra eles se refugiarem. Vão plantando 60, 80, 100 ha e ninguém entra pra dentro e o javali vem vindo, vem vindo... tem um vizinho aqui que terminou com o rebanho, porque só estava tendo prejuízo, rebanhos aonde eles têm potreiro que faz divisa com esta plantação, não tão criando mais, ainda mais se for gado de cria, porque eles comem até os terneiros, acredita? A vaca pari o terneiro, e ele tá ali paradinho do lado e eles atacam. Não é só os cordeiros...

Relacionado com o aspecto da **destruição da pastagem natural** para implantar o “florestamento”, os entrevistados acreditam que o campo não “volta” como era antes, que perde-se uma riqueza de espécies com grande importância para o Pampa, como pode ser observado na fala do entrevistado 12:

O pior de tudo é a destruição do campo nativo, depois nunca mais vai ser o mesmo. Com certeza reduz a biodiversidade da flora e da fauna aqui do Pampa Gaúcho. E isso é natural, tá aqui de graça. E digo mais, muitos que estão plantando e já tá bom pra corte, nem sequer as empresas estão cortando. É uma situação complicada, no meu ver. Acho melhor ficar com meu campo nativo, preservando, cuidando e não precisando investir um horror, criando meus bichinhos, que está bem bom. Eu não arrendaria campo pro mato de jeito nenhum.

No relato do entrevistado 12 pode-se identificar outra ameaça que vai além da destruição física do campo nativo, a mudança ou a perda de elementos que são formadores da identidade de habitante do Pampa (“... nunca mais vai ser o mesmo...”). Um exemplo é a perda

da amplitude da paisagem, elemento formador do caráter e da personalidade do pampiano. A introdução das florestas exóticas cria uma barreira física que impossibilita o exercício da contemplação, o qual fortalece o sentimento de liberdade e amplidão do horizonte, elemento nato do centauro do Pampa – modo como José de Alencar (s/d), inspirado em Avé-Lallemant (1980), referia-se ao habitante do Pampa.

Outro aspecto relevante destacado pelos entrevistados, que corrobora com a interpretação acima, são as **pressões à atividade de pecuária bovina e ovina**, principalmente pela expansão do “florestamento” (principalmente na região de estudo) e da soja (região da fronteira oeste do RS). A introdução dessas atividades produtivas na região cria certa atmosfera de incerteza e sentimentos de tristeza nos entrevistados, motivando preocupações com relação ao futuro da atividade de pecuária de corte – atividade constituinte da cultura e da identidade gaúcha.

Bencke (2007) afirma que não podemos “mudar nossa cultura e tradição” (produto do processo de desenvolvimento de uma sociedade por gerações), mas adaptá-la às transformações atuais. As novas atividades introduzidas na região certamente exigirão mudanças no perfil do trabalhador do campo, produzindo pressões nos elementos constitutivos da cultura regional. Nesse sentido, o autor comenta:

Não podemos pensar na figura do gaúcho como algo estático, tipo peça de museu. A cultura e as tradições evoluem junto com as sociedades. O que não pode é mudarmos nossa cultura e nossas tradições pela imposição de interesses econômicos e pela falta de campos no futuro. É preciso garantir que nossa cultura evolua na presença de seu cenário mais típico: os campos de pecuária (Bencke, 2007, p. 2).

Nas palavras do entrevistado 04, conseguimos compreender um pouco da preocupação sobre a introdução do “florestamento” e, acima de tudo, a apreensão em relação à paisagem que está se transformando com a diminuição da área de pastagem natural e da criação de bovinos de corte e ovinos:

[...] e campo, campo bom, campo joia de criar, as ovelhas e o gado terminou. Daqui até a cidade se tu ia tu achava um que outro pé de alguma coisa, era só ovelha e gado, coisa mais linda, a paisagem aqui é única, porque esses campos são para isso, pra produzir carne. Botaram eucalipto, acácia, esse pinus, aí imagina olhar esta rica paisagem, sendo trocada só por plantação de árvore, parece uma coisa artificial até. E daí eu pergunto: e a produção? A gente vai comer mato?

Nesta mesma perspectiva, Lanna (2007, p. 18) expõe interrogações a respeito dessa temática da expansão de espécies exóticas:

Para que transformar este ambiente único que temos ainda o privilégio de conhecer em um “deserto verde” de plantações de árvores que não são naturais na região? Para que comprometer a diversidade biológica, alterar a belíssima paisagem, transformar radicalmente o ambiente de formação do gaúcho por uma atividade cuja rentabilidade não alcança a do campo bem manejado, e cuja continuidade se resume a algumas poucas décadas? O que será das áreas florestadas daqui a 20 anos, quando o pinus e o eucalipto de rebrote não mais serão economicamente viáveis, e quando toda a diversidade biológica atual estiver extinta? Como promover a recomposição desses campos? E a que custos? Que explicações os que defendem a silvicultura na região darão para seus netos.

Hansel & Ruscheinsky (2012) consideram que o “florestamento” transformará o Pampa gaúcho em área de floresta, aduzindo que este local sempre foi composto por gramíneas, com a biodiversidade específica de área de campo e não de mata. Retratando, nesse sentido, que esta ação do homem consiste em meio ambiente artificial, isto é, construído.

O relato de um pecuarista familiar (entrevistado 08) tenta expressar uma alternativa do que poderia ser feito, reafirmando a hipótese de que deve ser mantida a atividade tradicional da região, a produção pecuária em pastagem natural, referenciando a cultura do gaúcho:

Eu acho terrível, na verdade, era pra tá proibido, que o governo desse um jeito, porque eles vendem essa terra barato, terra de primeira, costado de arroio pra plantar pinus e eucalipto, no lugar de criar gado e ovelha que

é uma tradição, tradição nossa de gaúcho... Mas então eu acho que em vez de vender pra essas multinacionais, pra gerar lucro só pra multinacional, porque nem no município fica dinheiro, que o governo compre e coloque gente morar ali, pra cria, pra continuar seguindo o que sempre foi feito e é tradição. Porque assim é uma maneira de tentar manter essas áreas próprias para a pecuária, conservar estes campos, que são raros... Porque depois essas áreas pra aproveitar de novo, depois de planta eucalipto, pinus... diz que é brabo, que fica uma terra meio morta, vamos dizer assim. Deus o livre, pra mim até acho que foi a pior coisa que foi inventada nos últimos anos, isso aí.

Madeira (2007, p. 11) considera que existe uma ruptura cultural quando a atividade econômica típica da região e a paisagem natural são substituídas por outra atividade:

No momento em que ocorre a substituição de uma paisagem natural e sua atividade econômica típica, no caso a pecuária extensiva, não há como negar uma forte ruptura cultural. Podemos imaginar o pampa sem o gaúcho, mas o gaúcho sem o pampa e seus amplos horizontes, fica difícil.

Sendo assim, se levarmos em conta a abrangência desses empreendimentos objetivando o “florestamento”, corremos o risco de modificação na biodiversidade (fauna e flora) e, conseqüentemente, reflexos no modo de vida das populações tradicionais e na própria paisagem típica do Pampa, necessitando assim algum regramento geral que leve isto em conta.

5. Considerações finais

Considerando que o homem faz parte do ambiente e nele interatua social e culturalmente e se, além disso, consideramos que a cultura do gaúcho possui uma base territorial e uma forte relação com a paisagem do Pampa, há que se pensar nos possíveis choques do “florestamento” sobre a cultura do gaúcho e a própria reprodução social da pecuária familiar.

A introdução dos monocultivos florestais no Pampa agravou os problemas socioambientais, podendo

ocasionar uma descaracterização e uma dissociação do indivíduo com seu ambiente local, os saberes, fazeres, enfim, com a própria cultura do homem do Pampa. Não se trata de afirmar que o “florestamento” é uma cultura ilegítima e proibida para os habitantes dos campos, mas é necessário cautela e planejamento em sua adoção. Assim, o seu uso estará então contribuindo para o fortalecimento do Pampa, utilizando-se da cultura por meio do uso mais sábio dos recursos naturais, podendo promover um desenvolvimento regional.

Em relação à caracterização dos entrevistados, a motivação que os faz seguir na atividade está atrelada especialmente à tradição familiar e à própria satisfação em criar bovinos de corte extensivamente em pastagem natural. É uma relação de confiança, afeto e prazer existente entre pecuarista-bovinos/ovinos-campo. As áreas de campo em que estão instaladas as propriedades foram herdadas, quase que na totalidade, permitindo assim a sucessão da atividade pecuária familiar.

Os pecuaristas familiares representam as figuras de preservadores e mantenedores da paisagem natural do Pampa, isso por optarem pela não utilização de pastagens cultivadas para servir como fonte de alimentação

dos animais, o que levaria estes a substituírem o natural/nativo por algo cultivado e que necessitaria de revolvimento do solo; consequentemente, nos faz perceber que a introdução do “florestamento” na região os perturba.

Os depoimentos dos pecuaristas familiares entrevistados apresentam significativa resistência sobre a perspectiva de desenvolvimento fundamentada na exploração econômica da região do Pampa com base no “florestamento”, destacando diversos impactos negativos visualizados e vivenciados na região, como, por exemplo, a redução das fontes de água, o aparecimento de animais predadores (javali – animal exótico introduzido em fazendas de caça nos países da Argentina e Uruguai, produzindo impacto ambiental no Rio Grande do Sul e Santa Catarina), a destruição da pastagem natural e a diminuição da atividade da pecuária bovina de corte e ovina, referência de um modo de vida típico dos habitantes do Pampa. Dessa forma, a análise das entrevistas indica que os pecuaristas familiares demonstram preocupação com a manutenção e a permanência da diversidade ambiental e social típica do Pampa brasileiro, configurando-se, na força do discurso, em guardiões das riquezas dessa região.

Referências

- AGEFLOR - Associação Gaúcha de Empresas Florestais. *Negócios florestais internacionais: a inserção do Brasil e do RS*. Seminário de Silvicultura a Nova Fronteira de Desenvolvimento. Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.
- Alencar, J. de. *O gaúcho*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.
- Almeida, M. W. B. de. Redescobrimo a família rural. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1(1), 66-83, 1986.
- Avé-Lallemant, R. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- Bencke, G. A. Monoculturas podem decretar o fim dos pampas. *Entrevistas Instituto Humanitas Unisinos*. On-line. 2007. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/4284monoculturas-podem-decretar-o-fim-dos-pampas-entrevista-com-glayson-ariel-bencke>>. Acesso em: 20 mar. 2013.
- Binkowski, P. *Conflitos ambientais e significados sociais em torno da expansão da silvicultura de eucalipto na “Metade Sul” do Rio Grande do Sul*. 211f. Porto Alegre, Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, 2009.
- Boldrini, I. L. A flora dos campos do Rio Grande do Sul. In: Pillar, V. de P.; Müller, S. C.; Castilhos, Z. M. de S.; Jacques, A. V. A. (Eds.). *Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade*. Brasília: MMA, 2009.
- Boldrini, I. L. *Florestas artificiais ameaçam biodiversidade do Pampa*. 2013. Disponível em: <<http://agencia.fapesp.br/17032#.UVGWGggp3og.email>>. Acesso em: 26 mar. 2013.
- Borba, M. F. S.; Trindade, J. P. P.; Cardoso, F. F.; Neske, M. Z.; Audino, L. D.; Pillon, C. N.; Moraes, L. P.; Ramos, A. H. B.; Nogueira, J.; Costa, A. C. da; Ribeiro, M. M.; Schlick, F. E. Ecologização da Pecuária Familiar na Serra do Sudeste. *Documento Técnico, nº 98*. 2009. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/pecuaria-sul/busca-de-publicacoes/-/publicacao/853435/ecologizacao-da-pecuaria-familiar-na-serra-do-sudeste>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

- Campo e Lavoura - Rio Grande do Sul. *Cultivo da soja começa a ganhar força na região da campanha do RS*. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/campo-e-lavoura>>. Acesso em: 27 nov. 2014.
- Chomenko, L. Pampa: um bioma em risco de extinção. *Entrevistas Instituto Humanitas Unisinos*. On-line. 2007. p. 4-7. Disponível em: <http://www.biodiversidade.rs.gov.br/arquivos/1199813241IHU_ON_LINE_dez1_2007_1197309137.15pdf.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2014.
- Cotrim, M. S. “Pecuária familiar” na região da Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a origem a situação socioeconômica do pecuarista familiar no município de Canguçu RS. 140f. Porto Alegre, Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, 2003.
- EMATER-RS. Disponível em: <<http://www.emater.tche.br/site/area/pecuaria.php>>. Acesso em: 16 mar. 2013.
- EMBRAPA. 2010. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/pecuaria-sul/busca-de-publicacoes/-/publicacao/busca/montanhas%20famosas?>>. Acesso em: 05. mar. 2015.
- FAO. *Global Forest Resources Assessment*. FAO Forestry Paper, 163. 2010. Disponível em: <www.fao.org/docrep/013/i1757e/i1757e.pdf>. Acesso em: 05. mar. 2015.
- FEE - Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser. 2012. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/site/fee/pt/content/capa/index.php>>. Acesso em: 05 jan. 2014.
- FEPAM - Fundação Estadual de Proteção Ambiental; SEMA - Secretaria Estadual de Meio Ambiente. *Zoneamento Ambiental para atividade de silvicultura*. Vol. I e II. Porto Alegre, 2007.
- Filippini, A. Exemplo uruguaia indica oposição à criação de fábricas de celulose. In: *6º Seminário Internacional de Agroecologia*. Porto Alegre. 2005.
- Gasson, R.; Errington, A. *The Farm Family Business*. Wallingford: CAB International, 1993.
- Gerhardt, M.; Zarth, P. A. Uma história ambiental do pampa do Rio Grande do Sul. In: Teixeira, A. F. (Org.). *Lavouras de destruição: a (im)posição do consenso*. Pelotas: UFPEL, 2009, p. 249-295.
- Grando, J. W. *A peleja do eucalipto: nos pampas gaúchos, o duelo entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental*. Florianópolis (TCC) - Departamento de Jornalismo. Centro de Comunicação e Expressão Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
- Hansel, C. M.; Ruscheinsky, A. *Verdes campos em tensão com os riscos do reflorestamento: atores sociais, celulose e meio ambiente*. 2012. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT8-710-383-20080509193732.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2014.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Mapa de Biomas do Brasil*. 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 28 mar. 2014.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo agropecuário de 2006*. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/agri_familiar_2006/familia_censoagro2006.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2011.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pecuária – efetivos dos rebanhos – bovinos/ovinos*. 2011. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=PPM01>>. Acesso em: 05 fev. 2014.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2012. Disponível em: <<http://www.beefpoint.com.br/cadeia-produtiva/giro-do-boi/ibge-mata-atlantica-e-bioma-mais-devastado-no-pais-depois-vem-pampa-cerrado-e-caatinga/>>. Acesso em: 22 mar. 2014.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; MMA - Ministério do Meio Ambiente. 2012. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/biodiversidade>>. Acesso em: 12 mar. 2014.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. São Paulo: Atlas, 1992.
- Lanna, E. O bioma pampa em risco? A plantação de pinus e eucaliptos. *Entrevistas Instituto Humanitas Unisinos*. On-line. 2007. p. 17-22. Disponível em: <http://www.biodiversidade.rs.gov.br/arquivos/1199813241IHU_ON_LINE_dez1_2007_1197309137.15pdf.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2014.
- Laske, C. H. *Caracterização da pecuária familiar e objetivos e critérios para o melhoramento genético do rebanho de bovino de corte*. 66f. Pelotas, Dissertação (Mestrado em Ciências – Área Melhoramento Genético Animal) - Programa de Pós-Graduação em Zootecnia, Universidade Federal de Pelotas, 2010.
- Madeira, M. Zoneamento Ambiental da Silvicultura. Um documento morto? *Entrevistas Instituto Humanitas Unisinos*. On-line. 2007. p. 8-12. Disponível em: <http://www.biodiversidade.rs.gov.br/arquivos/1199813241IHU_ON_LINE_dez1_2007_1197309137.15pdf.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2014.

- Melazo, G. Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. *Olhares & Trilhas*, VI(6), p. 45-51, 2005.
- Minayo, M. C. S. (Org.); Deslandes, S. F.; Cruz Neto, O.; Gomes, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994. 80p.
- Nabinger, C. Manejo e produtividade das pastagens nativas do subtropical brasileiro. In: *Anais do Simpósio de Forrageiras e Produção Animal*. Porto Alegre: UFRGS, 2006, p. 25-76.
- Neske, M. Z. *Estilos de agricultura e dinâmicas locais de desenvolvimento rural: o caso da Pecuária Familiar no Território Alto Camaquã do Rio Grande do Sul*. 207f. Porto Alegre, Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, 2009.
- Overbeck, G. E.; Müller, S. C.; Fidelis, A.; Pfadenhauer, J.; Pillar, V. P.; Blanco, C. C.; Boldrini, I. L.; Both, R.; Forneck, E. D. Os campos sulinos: um bioma negligenciado. In: Pillar, V. de P.; Müller, S. C.; Castilhos, Z. M. de S.; Jacques, A. V. A. (Eds.). *Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade*. Brasília: MMA, 2009. p. 30.
- Overbeek, W.; Kröger, M.; Gerber, J.-F. Um panorama das plantações industriais de árvores no Sul global. Conflitos, tendências e lutas de resistência. *Relatório EJOLT n° 3*, 2012. 108 p.
- Porto, R. G. *Caracterização da pecuária familiar na região da Campanha Meridional: estudo de caso no município de Bagé*, Rio Grande do Sul. 166 f. Pelotas, Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pelotas, 2008.
- Porto, R. G.; Bezerra, A. J. A.; Kohls, V. K.; Sacco dos Anjos, F. O pecuarista familiar: emergência de uma nova categoria social no extremo sul do Brasil. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, 26(1/3), 39-57, 2009.
- Quadros, F. L. F. de; Trindade, J. P. P.; Borba, M. A abordagem funcional da ecologia campestre como instrumento de pesquisa e apropriação do conhecimento pelos produtores rurais. In: Pillar, V. de P.; Müller, S. C.; Castilhos, Z. M. de S.; Jacques, A. V. A. (Eds.). *Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade*. Brasília: MMA, 2009. p. 206-213.
- Reverbel, C. *O gaúcho*. Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata. Porto Alegre: L&PM, 1986. 109 p.
- Ribeiro, C. M. Pecuária Familiar na Região da Campanha do Rio Grande do Sul. Pecuária familiar. *Série Realidade Rural*, Porto Alegre: Emater RS/Ascar, 34, 11-46, 2003.
- Ribeiro, C. M. *Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da região da campanha do Rio Grande do Sul*. 304 f. Porto Alegre, Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, 2009.
- Saint-Hilaire, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Tradução de Leona de Azeredo Pena. Rio de Janeiro: Ariel Editora, 1935. 295p.
- Sandrini, G. B. D. *Processo de inserção dos pecuaristas familiares do Rio Grande do Sul na cadeia produtiva da carne*. Porto Alegre, Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- Schwanz, A. K. *Florestamento – Desenraizamento: a transformação da paisagem nos pampas e a identidade do gaúcho*. 217f. Maringá, Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual de Maringá. 2010.
- SEBRAE; FARSUL; SENAR. *Diagnóstico de sistemas de produção da bovinocultura de corte do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEPE, 2005. 265 p. Relatório de Pesquisa.
- Soriano, R. R. *Manual de pesquisa social*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 213.
- Suertegaray, D. M. A.; Silva, L. A. P. Tchê Pampa: histórias da natureza gaúcha. In: Pillar, V. de P.; Müller, S. C.; Castilhos, Z. M. de S.; Jacques, A. V. A. (Eds.). *Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade*. Brasília: MMA, 2009. p. 42-59.
- Trindade, S.; Cordeiro, C. *Produção do espaço e uso do solo urbano*. Belém: NAED/UFPA, 1997.
- UNESCO. *Rapport final du groupe d'experts sur le projet 13: La perception de la qualité du milieu dans le Programme sur l'homme et la biosphère (MAB)*. Paris: Unesco. 1973. 79p. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0000/000059/005984fb.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2014.
- Zampieron, S. L. M.; Fagionato, S.; Ruffino, P. H. P. Ambiente, representação social e percepção. In: Schiel, D.; Mascarenhas, S.; Valerias, N.; Santos, S. A. M. dos. (Orgs./Eds.). *O estudo de bacias hidrográficas: uma estratégia para educação ambiental*. 2. ed. São Carlos: RiMa, 2003.